

METODOLOGIA DA PESQUISA DIALETOLÓGICA

Alexandre Melo de Sousa (UFAC)

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No que diz respeito ao Brasil, tem-se verificado, nas últimas décadas, grande interesse por pesquisas pondo em tela fatos dialetais. Esses estudos, num sentido amplo, procuram observar as relações entre espaço geográfico e fatos linguísticos e daí compreender o fenômeno da variação linguística, em especial, diatópica, a partir do estudo desse fenômeno linguístico *in loco*.

Assim, fica claro que o desenvolvimento de investigações dessa natureza – que buscam depreender a diversidade linguística – no Brasil, adquire especial importância considerando-se a grande extensão territorial e a riqueza sociocultural que tem o país, que favorece o reconhecimento de fronteiras sociolinguístico-culturais. E ainda, como assevera Brandão (1991, p. 16-17):

O Brasil, em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido, bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior desenvolvimento, apresenta grandes contrastes regionais e sociais, estes últimos perceptíveis mesmo em grandes centros urbanos, em cuja periferia se concentram comunidades mantidas à margem do progresso.

São os fatores supra que vão determinar as especificidades linguísticas do país, da região ou da localidade; e é justamente essa heterogeneidade verificada na língua, na modalidade oral, que vai interessar ao dialetólogo: a complexidade do sistema linguístico e as variações nele contidas, determinadas por diferenças espaciais (geográficas).

Diante do exposto, a realização do presente trabalho tem como objetivo apresentar e descrever os procedimentos metodológicos utilizados nas recentes que pesquisas dialetológicas, com vistas a disciplinar e obter melhores resultados em investigações empreendidas na referida área linguística. Tomaremos por base o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, já que este constitui a mais recente investigação, ainda em andamento, em âmbito nacional, e adota fundamentos

da Geolinguística contemporânea, associando a variação espacial ou diatópica aos aspectos de natureza social. Para atingir esse intento, apresentaremos, panoramicamente, uma retrospectiva acerca dos estudos dialetais desenvolvidos no Brasil, com vistas traçar a evolução por que passaram e verificar as contribuições deixadas pelos pioneiros.

1. Os estudos dialetológicos no Brasil: antecedentes

No Brasil, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-51), a história dos estudos dialetais no Brasil pode ser dividida em três grandes fases: a primeira compreende o período de 1826 a 1920, em que foram desenvolvidos vários trabalhos relacionados, principalmente, ao léxico do português do Brasil. Esses estudos originaram numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais.

A segunda fase, por sua vez, tem início com a publicação da obra de Amadeu Amaral (1920): *O dialeto caipira*. A respeito da importância dessa obra como marco inicial dos estudos dialetais, propriamente ditos, Ferreira e Cardoso (1994, p. 41) afirmam:

A porta se abriu para os estudos dialetais com *O dialeto caipira*. Nele encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região. O tratamento dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área fazem da obra um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil.

Neste período, os trabalhos realizados caracterizavam-se, essencialmente, pelas abordagens gramaticais, embora muitas pesquisas continuassem dando destaque ao léxico. Outras obras que se destacaram nesta fase foram: *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1922), *O Vocabulário Pernambucano*, de Pereira da Costa (1937), *A Língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1934), dentre outras.

Na terceira fase, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 44), surgem os primeiros trabalhos com base em *corpus* “constituído de forma sistemática”. Caracterizam essa fase, também, o interesse pela execução de estudos de geografia linguística no Brasil, inclusive a elaboração do atlas linguístico do Brasil.

Ferreira e Cardoso (1994, p. 44), na seguinte passagem, põem em relevo os pesquisadores que se destacaram nesta fase:

[...] a geografia linguística no Brasil não teria encontrado desenvolvimento sem o trabalho relevante e pioneiro dos que com ela se sentiam comprometidos. E dentre esses, quatro nomes merecem destaque especial pelo trabalho realizado e pela contribuição definitiva na implantação dos estudos de geografia linguística: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Serafim da Silva Neto, por exemplo, preocupado com a necessidade de os pesquisadores brasileiros criarem, para a realização de pesquisa de campo, “mentalidade dialetológica”, publica o *Guia para Estudos Dialectológicos* – obra tida como referência, ainda hoje, nas pesquisas dialetais.

Contudo, nesta terceira fase, o grande mérito é atribuído a Nelson Rossi – autor do primeiro atlas linguístico brasileiro, *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1963). Nas palavras de Isquardo (2005, p. 337):

O pioneirismo dos trabalhos liderados por Rossi, somado à continuidade das pesquisas levadas a efeito por seus discípulos, resultou, no âmbito do Brasil, ao que se pode chamar de “escola dialetológica da Bahia”, cujos frutos em muito contribuíram para a construção da história dos estudos dialetológicos e geolinguísticos no Brasil.

Ferreira (1998, p. 15-16), por seu turno, diz:

Toda obra pioneira contém em si o mérito do seu pioneirismo mas carrega consigo muitas limitações. Se olharmos para trás, para o agora e ainda projetarmos o futuro, vemos quanta distância existe entre o feito, o que se faz e o que venha a fazer, e no nosso caso, a distância é marcada não apenas pelo desenvolvimento da própria ciência da linguagem com seus diversos interesses e apuradas metodologias como também pelas novas técnicas existentes para o aproveitamento e análise dos dados.

A partir da publicação do APFB, outros atlas linguísticos foram produzidos, outros estão esperando publicação e alguns estão em desenvolvimento. No entanto, ainda há regiões brasileiras que não se propuseram a dar início à elaboração de seus atlas linguísticos.

Aragão (2001) explica que ainda são muitas as dificuldades de se empreender pesquisas no âmbito dialetal no Brasil, por exemplo: a falta de pessoal qualificado para atuar nas pesquisas, o desinteresse das instituições e, conseqüentemente, a escassez de recursos fi-

nanceiros. Aragão (2005a, p. 287), a respeito das pesquisas e dos Atlas linguísticos regionais brasileiros, informa:

O resultado dessas pesquisas é a publicação, até o momento, de oito Atlas Linguísticos regionais: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba* (1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe I* (1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (1994), o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (2002), o *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul* (2002) e o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (2004).

Outros tantos atlas encontram-se em fase avançada ou em início de elaboração, como o Atlas Linguístico do Ceará, o Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul, o Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, o Atlas Linguístico de São Paulo, o Atlas Linguístico do Acre, o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, o Atlas Linguístico do Mato Grosso, o Atlas Geossociolingüístico do Pará, o Atlas Linguístico do Maranhão e o Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte.

Aos atlas linguísticos concluídos, listados por Aragão (2005a), acrescente-se o *Atlas Linguístico do Amazonas*, concluído em 2004, como tese de doutorado.

Complementando as três fases apresentadas por Ferreira e Cardoso (1994) para a história dos estudos dialetais brasileiros, Isquierdo (2004, p. 391) propõe o acréscimo da quarta fase, que tem início com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), na última década do século XX.

[...] esse projeto representa um divisor de águas na pesquisa geolingüística e dialetológica no Brasil, uma vez que a concretização de um projeto nacional – que se propõe a descrever a variante brasileira da Língua Portuguesa e mapeá-la em um atlas nacional e que, pela sua abrangência e pela dimensão espacial dos que o dirigem, agrega pesquisadores fixados nas diferentes regiões brasileiras – veio trazer novo e significativo impulso para pesquisas na área.

O Comitê Nacional para a elaboração e a operacionalização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB) – criado no final de 1996, atualmente é constituído por sete professores representantes das seguintes universidades: Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e Universidade Federal do Pará.

As pesquisas para o ALiB, segundo Aragão (2005b), apresentam as seguintes orientações:

- a) Perfil dos informantes (faixa etária e sexo): 18 a 30 anos e 45 a 60 anos, homens e mulheres.
- b) Nível de instrução: no máximo a 4ª série (Ensino Fundamental), e superior, nas Capitais.
- c) Localidades e número de pontos: Região Norte: 23 pontos; Região Nordeste: 71 pontos; Região Sudeste: 79 pontos; Região Sul: 41 pontos; Região Centro-Oeste: 21 pontos.
- d) Tipos de questionário e quantidade de questões: Semântico Lexical, com 15 áreas semânticas e 207 questões; Morfossintático, com 121 questões; Fonético-fonológico, com 159 questões; Pragmático, com 05 questões; Prosódico, com 04 questões; Temas para discursos semidirigidos, 04 temas.

2. Pesquisas dialetológicas: descrição dos aspectos metodológicos

São inegáveis as contribuições que os pioneiros (Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Cândido Jucá Filho, Sílvio Elia, Celso Cunha, Nelson Rossi entre outros) deixaram para o desenvolvimento dos estudos dialetais, no entanto as transformações tecnológicas, socioculturais, científicas etc., além dos avanços alcançados pela própria ciência linguística impuseram (ou favoreceram) que fossem estabelecidas diretrizes gerais para orientar (coordenar) o desenvolvimento de pesquisas dialetológicas, especialmente no que compete à produção de atlas linguísticos.

No entanto, vale ressaltar com Aguilera (2006, p. 222), que os atlas publicados não apresentam uma uniformização metodológica, em seus aspectos específicos, “com exceção dos atlas da Bahia, de Sergipe e de Sergipe II, que compartilharam os mesmos procedimentos”.

De um modo geral, as pesquisas dialetais seguem determinados passos metodológicos uniformes, com vistas a disciplinar a investigação, de forma que se obtenham, ao final, melhores resultados. Ferreira e Cardoso (1994, p. 23-36) apresentam e descrevem 4 (quatro) etapas principais que devem observadas na pesquisa dialetal:

- 1) preparação da pesquisa;

- 2) execução dos inquéritos;
- 3) exegese e análise dos materiais recolhidos; e,
- 4) divulgação dos resultados obtidos.

2.1. Preparação da pesquisa

O passo inicial para a preparação da pesquisa dialetal é a definição da área (campo linguístico) que será investigada. A partir daí, procede-se à escolha da(s) localidade(s), de informante(s) e de método de pesquisa. Paralelamente a essas ações, é imprescindível o desenvolvimento de estudos (de caráter histórico, geográfico, social e, é claro, linguístico) que embasarão a pesquisa.

2.2. Execução dos inquéritos

Esta etapa corresponde ao trabalho de campo, propriamente dito. Para a execução das entrevistas com os informantes e, conseqüentemente, coleta de dados, alguns pontos deverão ser observados pelo inquiridor:

- a) o acesso às localidades de atuação é destacado;
- b) a forma como se dará o contato com o informante;
- c) o manuseio e a identificação do material coletado (os inquéritos), em especial, a atenção para a escolha do local apropriado para o arquivamento das fitas/CDs em que estão registradas as entrevistas;
- d) o preenchimento correto e legível das fichas de identificação dos informantes.

2.3. Exegese e análise dos materiais recolhidos

Nesta etapa serão realizadas as análises do material coletado. Algumas observações são importantes para essa fase: o registro contextual das respostas apresentadas pelos informantes (para evitar mal-entendidos quanto às informações obtidas); o cuidado no mo-

mento da transcrição grafemática (no caso de relatos mais extensos) e fonética (nos inquéritos desenvolvidos na base pergunta-resposta); a omissão de referências nominais dos informantes, que pode ser substituídas por códigos de identificação.

2.4. Divulgação dos resultados

Diferentemente de como acontece com a maioria das pesquisas desenvolvidas e concluídas (publicadas) por outras áreas de conhecimento, a divulgação, por exemplo, de um atlas linguístico, fruto de investigações dialetais, não constitui a finalização ou a conclusão da investigação. Ao contrário, a partir desse ponto, são oferecidas inúmeras possibilidades de investigação. As “conclusões” apresentadas e os dados constantes no trabalho tornam-se instrumentos para posteriores análises, descrições e outras futuras publicações.

3. *A metodologia aplicada no atlas linguístico do Brasil (ALiB)*

Acompanhando as tendências contemporâneas, o ALiB pretende: a) fornecer dados interpretativos sobre alguns aspectos cartografados nas cartas linguísticas, e b) acrescentar a esses dados informações de natureza acústica que permitam o acesso direto à voz do próprio informante, em sincronização com a indicação do ponto onde ele se situa, ou exibição, via Internet, de cartas e localização de pontos de inquérito e respectivas ocorrências registradas, como nos denominados atlas de terceira geração.

Para alcançar os referidos objetivos foram definidos os seguintes aspectos metodológicos:

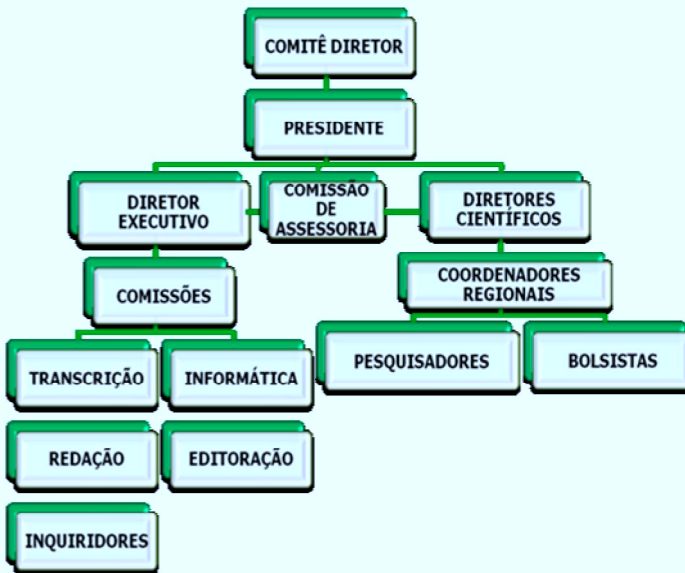
a) rede de pontos: foi estabelecida uma rede de 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional, considerando-se a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e o processo de povoamento da área.

b) informantes: filhos da localidade (e de pais também da área). Consideraram-se, ainda, as seguintes variáveis sociais: idade (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), sexo (os dois) e escolaridade. O número total atinge a casa dos 1100 informantes.

c) **questionário:** três tipos de questionário ((1) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (2) semântico-lexical - 202 perguntas; e (2) morfossintático - 49 perguntas. E, ainda, questões de pragmática (04) - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal -, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura - a "Parábola dos sete vimes"

Para a execução do referido projeto, os trabalhos são desenvolvidos e distribuídos seguindo o seguinte organograma:

4. Organograma ALiB



Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil [www.alib.ufba.br]

5. Considerações finais

Frente ao exposto, é possível perceber a evolução sofrida pelas pesquisas dialetais desde a proposta de Antenor Nascentes até a operacionalização do ALiB. Isso tem ocorrido graças ao crescente interesse por estudos dessa natureza e, conseqüentemente, as publicações e pesquisas que têm sido desenvolvidas no âmbito acadêmico.

Para finalizar, vale citar as palavras de Cardoso (2005, p. 130-131), que lembra:

[...] a importância dos estudos dialetais se evidencia não apenas no que diz respeito aos estudos linguísticos stricto sensu, mas também no que se refere a outros campos do conhecimento com os quais mantém profunda relação e explícita interface. [...] é reconhecida a relevância da contribuição que esse ramo de estudos da linguagem pode trazer à reconstituição da história, ao entendimento da organização demográfica, às questões de natureza antropológica, em geral, e ao próprio ensino da língua materna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. A geolinguística no Brasil: estágio atual. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 2, 2006, p. 215-238.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Atlas linguístico do Rio Grande do Norte: um projeto em desenvolvimento. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005, p. 285-297.

_____. Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: 57ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC – PROGRAMAÇÃO DA ABRALIN, 2005, Fortaleza - CE. *Anais do Simpósio Olhando a língua pelas trilhas da geolinguística*. Fortaleza – CE: Imprensa Universitária da UFC, 2005.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991, 88p.

CARDOSO, Suzana Alice. Sergipe – um estado com dois atlas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005, p. 103-135.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota. Atlas prévio dos falares baianos – alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Eduel, 1998, p. 15-30.

ISQUERDO, Aparecida Negri. De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas no Brasil. In: II ENCONTRO NACIONAL DO GELCO: INTEGRAÇÃO LINGUÍSTICA, ÉTICA E SOCIAL, 2004, Goiânia – GO. *Anais do II Encontro Nacional do GELCO: integração linguística, ética e social*. Goiânia – GO, 2004, p. 390-398.

_____. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Uduel, 2005, p. 334-356.

www.alib.ufba.br/index.asp [Acesso em 15/11/2007].